

# HISTÓRIAS DO DIA E DA NOITE





Óleo s/ tela 66 x 82 cm – 1998



O sono tinha-se perdido e, com ele, também o sonho.

O sonho tinha cara de verdade, mas era mentira, porque quando Manuel acordou percebeu que continuava sozinho, estendido na relva do jardim, onde andara às voltas desde o cair da noite.

Se tivesse asas, o sonho não teria sido um sonho mentiroso. Manuel teria voado e teria acabado por encontrar a porta da Casa para onde ela tinha ido viver três anos antes.

Essa viagem misteriosa que ele gostaria de ter feito com ela, tê-los-ia levado em sorrisos e alegria, em cúmplice ternura, em lânguida doçura, a um lugar do qual não teriam querido voltar. Ela acreditava nisso e não se cansara de lho repetir nas últimas semanas. Manuel só tinha era vontade de ir com ela, porém, apenas lhe fora dado vislumbrar o prenúncio da viagem, carregando, agora, a triste e pesada recordação do momento da partida a que assistira como se estivesse do lado de fora de si próprio.

Nessa altura, teria preferido que tudo fosse mentira. O vazio que logo começara a instalar-se dentro dele, impedia-o de pensar e sentir ao mesmo tempo. Achava-se roubado, espoliado, ludibriado. Deixara-se enganar, deixara-se ultrapassar pela pressa da partida e essa “coisa” avassaladora tomara-o por inteiro.

Quando o momento chegou, ela não o levava consigo. O que Manuel viu foi o fundo dos céus nos olhos dela, enquanto se afastava. Portanto, ela tinha asas. A ele, faltavam-lhe. Por isso ficara. Tudo, em redor, deixou, então, de existir.

Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo. Poderia ter sido tão simples: ela tê-lo-ia levado, ele teria ido, sem hesitar. Mais tarde, apeteceu-lhe fugir. Via aquela lua que a mulher apaixonada que ela fora nunca se cansara de olhar. Ele nunca chegara a saber que entre ambas existia um entendimento secreto. A distância não era impedimento. Todo o espaço era translúcido e elas cruzavam olhares serenos, à noite, quando se olhavam nos olhos.

Manuel não a quisera ver mais, àquela lua. O ar patético, pungente com que então, intencionalmente, lhe virou as costas tinha sido esclarecedor. Um homem ferido, sangrando, um homem com a alma na mão sem saber o que fazer com ela. Uma alma tão pesada que tinha que ser pousada em qualquer lugar, entregue à sua sorte, porque Manuel preferia o vazio.

Seria? Tinha perdido todas as certezas, o tempo nada lhe dizia; não tinha significado algum. Os dias não eram longos, nem as noites. Não! Longa era

a ausência envolvida em saudade, a solidão que se instalara dentro dele, desde aquele dia.

Afinal, assim sendo, não era o vazio que estava lá. Havia algo que tinha começado a doer. Manuel tinha passado a conviver com a dor e começado, com ela, um diálogo que os mantinha presos; acabara por querer procurar a alma de chumbo que perdera algures.

Mas onde? Onde é que se reencontra uma alma a quem fizemos esconder-se de nós, uma alma que não quisemos por perto? Onde?

Primeiro é preciso quere-la próxima, mesmo que a aproximação prenuncie mais dor. Depois, há que saber encaixá-la de novo no lugar que foi o dela. Pode não se ajustar ao espaço vazio que outrora ocupou.

Se houver determinação, muita mesmo, porque o esforço tem que ser enorme, pode ser que ela queira, de novo, moldar-se para caber outra vez no seu espaço. Fá-lo-á vibrando, lutando, chorando sem lágrimas, gritando sem que se ouça. Será como que o anúncio de uma transfiguração que só acontecerá se valer a pena, se for desejada.

Manuel não estava muito seguro da sua coragem, mas tinha percebido que, quase sem querer, tinha começado a sentir a falta dessa outra dimensão do seu ser, a que lhe permitia vislumbrar o indefinido para além da bruma. Tinha uma estrada para percorrer, tinha sim, mas levá-lo-ia onde?

Estava cansado! Precisava de sentir paz! Paz sofrida, mas inadiável, paz em elaboração, mas profunda.

Manuel esfregou os olhos com força, acariciou a barba e passou repetidamente as mãos pelo cabelo indisciplinado. Levantou-se devagar e olhou em redor a exuberância de um jardim a acordar. Tudo aquilo era, também, memória dela e continuava vivo e belo, persistindo em oferecer-se todas as manhãs.

Em algum lugar o coração dela continuava a bater. Batia, tinha de bater, e, porque era assim, Manuel escancarou as portas para que a alma entrasse, acedendo ao convite.

P.S. Com o Adagio de Albinoni gravado na alma, fui deixando correr a pena.